

EXTINCCIONISMO: CATÁSTROFE EM MASSA OU HISTERIA EM MASSA? FILOSOFANDO A CIÊNCIA AMBIENTAL CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DA IDEOLOGIA PRÉ-EUGENICA NIETZSCHIANA

JOSÉ FILIPE P. M. SILVA*

Resumo: O artigo tem por objectivo realizar uma análise filosófico-científica do problema da «extinção» e, em particular, da «sexta extinção em massa». Para tal, e considerando recentes dados paleontológicos e biológicos, discutir-se-á sobre o seu realismo científico e a sua adequação epistémica. Teremos também em conta os seus vectores teóricos e filosóficos, nomeadamente a influência da ideologia pré-eugénica (Galtoneana) Nietzscheana. Concluir-se-á o extincionismo científico contemporâneo como (ainda) um «wishful thinking» filosófico que pode, no entanto, ser atingido mediante a ocorrência de certos fenómenos envolvendo agentes humanos do que propriamente uma convulsão sinérgica.

Palavras-chave: Eugenia; Extincionismo; Nietzsche; Sinergia.

Abstract: This papers aims to realize a philosophical-scientific analysis of the “extinction” problem and, in particular, the «sixth mass extinction». For such, and considering recent paleontological and biological data, we will discuss its scientific realism and epistemic accuracy. We will also have in consideration its theoretical and philosophical vectors, namely the influence of the Nietzschean pre-eugenic (Galtonean) ideology. We will conclude contemporary scientific extinctionism as (still) a philosophical «wishful thinking» which can, although, be achieved through the occurrence of certain phenomena involving human agents than a synergic convulsion properly saying.

Keywords: Eugenics; Extinctionism; Nietzsche; Synergy.

AS EXTINCCOES EM MASSA SÃO UM PRODUTO PSICOLÓGICO UNIVERSAL

A problemática das extinções em massa é algo que parece pertencer à constelação psicológica da humanidade, como que se de um arquétipo junguiano se tratasse. De facto, desde os longínquos tempos bíblicos que se conjectura, projecta, estima, e algumas vezes também se deseja e se aguarda fervorosamente (quase patologicamente) por um momento grandioso e monstruoso no qual a maioria das espécies – humana incluída – desapareceriam da face da terra, completa ou maioritariamente. Foi assim que terá acontecido no tempo de Noé, aquando do divino dilúvio, e será assim que também ocorrerá, segundo os Cristãos, com o fogo apocalíptico. Também os hindus, os sikhs e budistas partilham de uma ideia semelhante, embora substanciando-lhes um cariz teológico algo diferente, nomeadamente a troca do papel da ressurreição dos mortos pelo da sucessiva reencarnação e da finitude do mundo pela infinitude, suportando desse modo uma mundividência mais constante, isto é, em devir.

* Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, josefsilva@live.com.pt.

O devir, conceito filosófico pré-socrático e problemático por excelência (afincadamente recuperado e redefinido por Nietzsche no século XIX), encontrou em Heraclito um princípio de realidade, um puro fluir, submetido à lei da medida, a qual regula a incessante iluminação e extinção dos mundos. Por contraposição a Heraclito, Parménides e os Eléadas adoptaram uma posição em que a realidade que “devém” é pura aparência; a razão humana é incapaz de apreender o devir; o ser verdadeiro é imóvel. Dito por outras palavras: se em Heraclito tudo flui, em Parménides e nos Eléadas tudo permanece.

Poder-se-ia ainda ter em consideração, em pinceladas muitíssimo gerais, a posição dos pitagóricos, que idealizaram o devir sob a égide das relações matemáticas, ou a de Empédocles, que o entendia num sentido qualitativo e de mudança de qualidades, ou ainda de Demócrito, onde tal se cingia à deslocação de átomos em si mesmos invariáveis sobre um fundo de não-ser ou de extensão indeterminada¹.

Esta pequena deambulação serve para demonstrar a pertinência intemporal da temática que abordaremos. De facto, e comparativamente aos pensadores mais antigos, facilmente comprovamos que não é necessariamente pela originalidade das ideias que os pesquisadores e cientistas contemporâneos se distinguem, senão antes pelos meios técnicos e instrumentais que agora dispõem.

A ACTUALIDADE DAS EXTINÇÕES EM MASSA

É neste sentido que, desde meados do século vinte, vários biólogos e paleontólogos (mas também alguns jornalistas – como Elizabeth Kolbert, sobretudo no popular livro «The Sixth Mass Extinction» – e políticos – veja-se o icónico caso de Al Gore) vêm recorrentemente a público alertar para possíveis perigos que poderão causar grave dano ao ecossistema do Homem e das demais espécies, levando até a que algumas delas possam desaparecer. Alguns advogam inclusive que o planeta entrou já numa sexta extinção em massa. Mas o que constitui exactamente as extinções deste género?

As extinções em massa são geralmente definidas como momentos em que a Terra perde mais de três quartos das suas espécies num curto intervalo geológico, tal como terá acontecido em cinco ocasiões nos últimos 540 milhões de anos [i.e. nos períodos Ordoviciano (ca. 440 milhões de anos/85% diversidade extinta, sobretudo trilobites, branquiópodes, crinóides e equinóides), Devoniano (ca. 370 milhões/82%, sobretudo corais, estromatopóroides e placodermos), Permiano (ca. 245 milhões/96%, sobretudo trilobites), Triássico (ca. 210 milhões/76%, sobretudo arcossauros e grandes anfíbios) e Cretáceo (ca. 65 milhões/76%, sobretudo dinossauros)²].

Actualmente, alguns biólogos tendem a defender que o sexto período terá chegado, tendo em consideração a abrupta perda de espécies ao longo dos últimos séculos e milénios. É essa a posição de Anthony D. Barnosky e dos seus colaboradores, que afirmam que os cientistas tendem cada vez mais a reconhecer a grande extinção moderna de espé-

¹ Cf. KIRK *et al.*, 2008: 187-337.

² Cf. RAUP, 1994: 6758-6763.

cies e de populações, sendo o factor de destruição imputado à intervenção do Homem nos ecossistemas através de uma fragmentação dos habitats, da introdução de espécies não-nativas, da propagação de agentes patogénicos capazes de matar as espécies directamente, assim como da mudança global do clima. Neste sentido, Barnosky afirma:

a recuperação da biodiversidade não irá ocorrer num cronograma significativo para as pessoas: a evolução de novas espécies leva tipicamente centenas ou milhares de anos, e a recuperação de episódios de extinção em massa ocorre provavelmente em escalas temporais compassando milhões de anos³.

ALGUNS PROBLEMAS DE ORDEM TÉCNICA E CIENTÍFICA

Podemos desde já salientar alguns problemas com este género de hipóteses relativas a acontecimentos de escala global: em primeiro lugar, no que toca à própria geografia, onde é necessário muito cuidado no tratamento dos dados recolhidos e, sobretudo, na sua comparação com outros fenómenos (possivelmente) semelhantes (significa isto que não é a mesma coisa querer fazer cohabitar num único e indiferenciável saco extintionista dados relativos a espécies e/ou materiais recolhidos em ambientes facilmente acessíveis e com elevadas possibilidades de amostra, como nas linhas costeiras, e aqueles encontrados nas profundezas dos oceanos e que estão dependentes não só de uma elevada carga logística e bolsa de financiamento mas sobretudo porque tendem a repetir-se em períodos temporais por vezes muito distanciados e entre os quais se “intrometem” novas postulações académicas e/ou provas empíricas concomitantes).

Em segundo lugar, no que respeita à classificação avaliável para o estudo dos fósseis – e que geralmente coloca as espécies numa destas oito categorias: extinta (extinct – EX), extinta em vida selvagem (extinct in the wild – EW), criticamente comprometida (critically endangered – CR), comprometida (endangered – EN), vulnerável (vulnerable – VU), recém-ameaçada (near threatened – NT), pouco preocupante (least concern – LC) ou com dados deficientes (ou insuficientes) para determinar o risco de extinção (data deficient – DD) –, oferece-nos o problema de que, embora teoricamente todas as espécies possam ser estudadas, na prática apenas uma pequena subsecção pode ser alvo de análise, na medida em que as espécies classificadas como «extintas» e «extintas em vida selvagem» comprometem a técnica estatística para a aferição da hipotética actual sexta extinção em massa (dito em termos brutos: elas pertencem a um passado/realidade diferente da nossa). Por outro lado, o risco real de extinção parece que deriva somente – tendo em consideração a nomenclatura definida pela União Internacional para a Conservação da Natureza (International Union for Conservation of Nature – IUCN) – dos factores de «criticamente comprometida», «comprometida» e «vulnerável» (i.e. os «factores de actualidade»).

Em terceiro lugar, relativo à taxonomia, existe o problema das análises fósseis poderem ser realizadas mais ao nível de genes que ao de espécie. Como nos adverte Barnosky:

³ BARNOSKY *et al.*, 2011: 51.

*quando as espécies são identificadas, elas são geralmente baseadas em conceitos morfológicos de espécie. Isto pode resultar em colocar conjuntamente espécies que são distintas ou, se for usado material fóssil incompleto, espécies super-divididas*⁴.

Torna-se, portanto, necessário, uma técnica que seja capaz de agregar as espécies filogenéticas modernas em morfoespécies (ou géneros) antes de se principiar com a comparação do registo fóssil.

Em quarto lugar, existe também um problema terminológico com o vocábulo «extinção» em comparação com a ocorrência fóssil. Quer dizer, o actual tempo de extinção é quase sempre datado posteriormente à última ocorrência fóssil. A extinção moderna é registada quando não se vislumbram mais indivíduos de uma determinada espécie após um certo período temporal e feitos os esforços necessários para tal. Escreve Barnosky:

*Uma possível técnica comparativa poderia ser a standardização das contagens de extinção do número de espécies conhecidas por intervalo de tempo de interesse (proporcional à extinção)*⁵.

Sublinhe-se que este «intervalo de tempo de interesse» pode igualmente aproximar os registos fósseis mais antigos e os mais actuais, cujas ferramentas de trabalho e metodologias tendem – com o evoluir do processo científico – a mudar necessariamente. Construir-se-ia, deste modo, um vocabulário único.

Apontados os principais problemas que cercam a discussão, convém ter em mente que as extinções massivas envolvem sempre uma taxa e uma magnitude ou alcance: «A taxa é essencialmente o número de extinções divididas pelo tempo no qual as extinções ocorreram»⁶; «A magnitude é a percentagem de espécies que foram extintas»⁷.

A NECESSIDADE DE UMA “TEMPESTADE PERFEITA”

Em termos de magnitude torna-se absolutamente fundamental que as comparações de percentagem entre as espécies perdidas em tempos históricos “normais” para aquelas ocorridas e que caracterizam cada uma das cinco extinções em massa (rondando os referidos valores de 75%) sejam – como também já se disse – alvo de refinamento de modo a compensar as inúmeras diferenças entre os registos fósseis antigos e modernos. Durante os tempos de extinção dita “normal”, a taxa respectiva é geralmente caracterizada por alinhamentos geográficos e reduzida abundância populacional, ao passo que nos contextos de extinção massiva existe um esbatimento desses alinhamentos e uma elevada população afectada⁸.

⁴ BARNOSKY *et al.*, 2011: 52.

⁵ BARNOSKY *et al.*, 2011: 52.

⁶ BARNOSKY *et al.*, 2011: 52.

⁷ BARNOSKY *et al.*, 2011: 52.

⁸ BARNOSKY *et al.*, 2011: 55-56.

É muito curioso notar que cientistas como Barnosky ou David M. Raup, apesar de apresentarem alguma argumentação sobre o que terá estado na base das cinco grandes extinções em massa anteriores e na sexta na qual – supostamente – viveríamos, não deixam nunca de considerar que lhes subjaz uma espécie de «tempestade perfeita» (*perfect storm*)⁹ (que, sejamos honestos – e embora se perceba a ideia – é um vocabulário mais especulativo e até filosófico ou mitológico – na ordem do que dissemos pelo início da comunicação – que propriamente científico, rigoroso), a qual seria composta por diversas sinergias entre dinâmicas climáticas pouco usuais ou composições atmosféricas e factores de stresse ecológico altamente anormais.

Com efeito, foram esses os casos ocorridos nos períodos Ordoviciano (esfriamento global súbito), Devoniano (mudança climática global) e Permiano (mudança climática introduzida por um bólido). Exceptuam-se, no entanto, os períodos Cretáceo (colisão de meteorito) e Triássico (sobre o qual pouco se conhece). Por contraposição a estes, sublinhe-se que na base da sexta extinção em massa se encontram factores não-naturais mas humanos, como os elevados níveis de dióxido de carbono, a fragmentação dos habitats naturais, a poluição generalizada, a pesca e caça excessivas, as espécies invasivas, os agentes patogénicos introduzidos e a expansão da biomassa¹⁰.

NIETZSCHE E GALTON: PRÉ-EUGENISMO E EUGENIA

Ora é precisamente neste ponto que se vai entroncar o pré-eugenismo de Nietzsche. Com efeito, e encarando a sociedade contemporânea, facilmente comprovamos a insistência da mesma na procura por fórmulas e materiais de prolongamento e melhoramento da vida, seja sob a forma medicamentosa, cirúrgica, estética ou tecnológica, ignorando e desrespeitando, com isso, frequentemente, as condições ambientais envolventes.

Se é certo que, por um lado, as práticas eugénicas remontam pelo menos à Grécia Antiga (veja-se Platão e a ideia de matrimónio selectivo), a verdade é que o neologismo «eugenia» (*eugenics*) [i.e. «bons» + «genes»] é forjado apenas em 1883 pela mão de Francis Galton¹¹, primo de Darwin. Galton define-a como:

*a ciência que lida com as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; e igualmente aquelas que a desenvolvem para uma maior vantagem*¹².

Ou ainda:

*a ciência da melhoria das linhagens, que não se limita de modo algum a questões de cruzamento judicioso, mas que, particularmente no caso do homem, toma conhecimento de todas as influências que tendem, ainda que em grau remoto, a dar às raças ou às estirpes sanguíneas mais convenientes uma chance maior de prevalecer rapidamente sobre as menos convenientes*¹³.

⁹ BARNOSKY *et al.*, 2011: 56.

¹⁰ BARNOSKY *et al.*, 2011: 56.

¹¹ Cf. GALTON, 1983: passim.

¹² GALTON, 1904: 1.

¹³ GALTON, 1983: 25.

Todos conhecemos muito bem o papel que, cinquenta anos volvidos, as pesquisas eugénicas iriam desempenhar no domínio Nazi. Não obstante, importa salientar que no mesmíssimo ano em que Galton conceptualiza o termo, também Nietzsche publica o seu *Assim Falava Zaratustra*, texto onde surgem esplanadas algumas considerações sobre a fragilidade e a necessidade de melhoramento da raça humana expressas nos seus escritos anteriores (particularmente em *Humano, demasiado Humano*, de 1878), com especial importância para as noções de «super-homem» e «último homem», assim como para a recuperação da ideia de «eterno retorno», apresentada em *A Gaia Ciência* de 1882.

ALGUNS APONTAMENTOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS DEZANOVECENTISTAS

Em termos gerais, podemos dizer que o «super-homem» representa o contínuo movimento de aspiração à grandiosidade e ao melhoramento de si, isto é, de ser capaz de desejar e de perpetuar o que deseja. Na sua figura máxima, entroncar-se-á com a noção mais metafísica que fisicalista de «eterno retorno», um eterno devir do mesmo que é, contudo, sempre diferente. Por outro lado, o «último homem» é incapaz de desejar o que quer que seja que vá além daquilo que já é; ele é incapaz de se recriar artística e vitalmente (porque arte e vida andam sempre de mãos dadas na filosofia nietzschiana), perecendo invariavelmente num desejo de conforto e de felicidade pessoal – muito ao jeito do que dissemos antes, sobre o facto de quase ninguém querer actualmente passar despercebido.

Trata-se, portanto, de um ultra narcisismo.

Infelizmente, alguns dos mais importantes fragmentos pré-eugénicos de Nietzsche foram apenas publicados postumamente. No entanto, em vários deles, e sem rodeios, espelham-se muito bem a suas ideias. Nietzsche escreveu: «a extinção de muitas espécies de homens é desejável quanto qualquer reprodução»¹⁴; contra os indivíduos sem escrúpulos «o resto da humanidade tem os mesmos direitos do que contra as crianças mal-formadas e os monstros: é-lhe permitido destruí-los, para não favorecer a propagação do que é retardado e malogrado»¹⁵; ou ainda que o futuro favorecia a extinção das raças ruins para proceder à «criação das melhores»¹⁶.

Dito isto parece estar bem patente o porquê de se falar de um pré-eugenismo nietzschiano. Numa época em que Galton tratava de introduzir o vocábulo na ciência comum e de desenvolver as suas teorias de pendor hereditário – hereditariedade esta cujo contexto psiquiátrico mereceria ser aqui discutido, sobretudo no que respeita às contribuições da escola francesa e alemã por intermédio de figuras como J.-M. Charcot, T. Meynert ou H. Bernheim¹⁷ –, comprovamos que Nietzsche, pela via filosófica e classicamente especulativa, ia também traçando o seu caminho, pautado por um tom provocatório que lhe era tão característico.

¹⁴ NIETZSCHE, 1880: 5 [38].

¹⁵ NIETZSCHE, 1876: 23 [59].

¹⁶ NIETZSCHE, 1876: 19 [79].

¹⁷ Cf. ROUDINESCO & PLON, 1998: 61-62, 109-110, 514-516.

O VERDADEIRO PROBLEMA DO EXTINCCIONISMO

Como considerações finais, e retornando ao cerne do que constitui a disciplina de História Ambiental e o propósito específico do presente volume – o de «Cruzar Fronteiras e de Ligar Margens» –, podemos não apenas referir que, genericamente falando, a actual literatura científica e o edifício factual construído tem os seus alicerces bem patentes nos pensadores mais antigos, mas também que, no caso particular das extinções em massa e da conjectura que abraça a hipotética sexta na qual viveríamos, não se trata de nenhuma novidade propriamente dita: de facto, desde sempre existiram na consciência colectiva da humanidade factores e temores à escala apocalíptica. O principal problema é que, por enquanto, nenhum de nós os experimentou directamente.

Cientificamente falando, e salvo raras excepções, quase sempre é necessário um grande distanciamento temporal para que se possa aferir, com maior grau de rigor, a história dos acontecimentos. A análise de dados precisa de tempo. Quando se fala em extinccionismo, e sobretudo tratando-se de cientistas e de indivíduos com influência e voz pública, é necessária muita precaução para não se provocar um efeito de histeria entre as pessoas que, no seu dia-a-dia, não têm como objecto de preocupação estas problemáticas, sob pena de – como frequentemente acontece –, vermos repercutidos várias histórias e datas para o fim dos tempos na mente dos mais impressionáveis. As extinções em massa são um facto, porém não é tão claro que essa extinção afecte imediata e predominantemente a espécie humana – e que aquilo que, para o bem ou para o mal, mais vai preocupando as massas. Enquanto forem aves, corais ou florestas a desaparecem, as pessoas esboçam uma preocupação passageira que rapidamente se desdobra para outras matérias. No entanto, quando a extinção massiva de humanos começar – a verdadeira sexta extinção em massa –, talvez aí o panorama mude. Repetindo uma vez mais: os seres humanos são muito narcisistas, muitos deles até patologicamente.

Assim, e enquanto estudiosos como Barnosky, Raup e muitos outros se focarem essencialmente nas espécies não-humanas (mas que têm, sem qualquer dúvida, importância primordial para todo o ecossistema terrestre), as teses versadas na actualidade da sexta grande extinção não passarão de «wishful thinking», ou seja, de meras deseologias. As «tempestades perfeitas» de que falam são combinações raras. Numa era em que existem 7 biliões de pessoas no planeta e cujo número tende a aumentar a ritmo alarmante, é bem mais provável que comecemos a perecer devido à fome, guerra e genocídios derivados de factores económicos, étnicos ou religiosos e que tendem, todos eles, a um certo melhoramento, a uma eugenia, pela aniquilação dos que estão – na opinião dos centros de poder – a mais nas sociedades.

BIBLIOGRAFIA

- BARNOSKY, A. D. *et al.* (2011) – *Has the Earth's sixth mass extinction already arrived?*. «Nature», V. 471, p. 51-57.
- GALTON, F. (1983) – *Inquiries into Human Faculty and its Development*. London: Macmillan.
- ____ (1904) – *Eugenics: Its Definition, Scope and Aims*. «The American Journal of Sociology», V. 10, N.º 1, p. 1-25.

- KIRK, G. S., RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. (2008) – *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NIETZSCHE, F. (1876a) – *Posthumous Fragments /NF*, 19 [79]. Disponível em <[http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1876,19\[79\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1876,19[79])>. [Consulta realizada em 30/08/2015].
- _____ (1876b) – *Posthumous Fragments /NF*, 23 [59]. Disponível em <[http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1876,23\[59\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1876,23[59])>. [Consulta realizada a 30/08/2015].
- _____ (1880) – *Posthumous Fragments/NF*, 5 [38]. Disponível em <[http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1880,5\[38\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1880,5[38])>. [Consulta realizada em 30/08/2015].
- RAUP, D. M. (1994) – *The role of extinction in evolution*. «Proceedings of the National Academy of Sciences», V. 91, p. 6758-6763.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998) – *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar.